A HISTÓRIA CULTURAL E A HISTÓRIA DA LITERATURA MEDIEVAL – ALGUMAS REFERÊNCIAS À "ESCRITURA" DO ORAL E À "ORALIDADE" DO ESCRITO

Márcia Maria de Medeiros*

Toda a 'literatura" não é fundamentalmente teatro?
Paul Zumthor

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar as questões referentes ao fenômeno da oralidade dentro da literatura medieval, especificamente tendo por aporte de análise o romance de cavalaria. A premissa inicial do trabalho nasce devido ao fato de se saber que a literatura do medievo tem em sua gênese um processo eminentemente oral, sendo muito mais feita para ser ouvida do que para ser lida. Diante desse contexto o texto literário em questão mantém em sua forma escrita várias nuances dessa oralidade, a qual esse artigo pretende analisar.

PALAVRAS-CHAVE: literatura medieval, história oral e história cultural.

ABSTRACT: This article has by objective to analize the questions that reffers at oral phenomenon at medieval literature, having by focus the romance of cavalry. This work borns because people knows that medieval literature has your genesis with a process where the literature was made to be listen and not read. So, the literary text has in your written form many things about this caracteristic that this article intends to analize.

KEYWORDS: medieval literature, oral history and cultural history.

Quando se fala em **história cultural**, existe uma referência teórico-metodológica a uma área da história a qual foi redescoberta pelos historiadores nos anos de 1970 e desde então vem desfrutando de uma vasta renovação no mundo acadêmico. Essa área é de uma imensidão desconcertante, ela mesma plena de diferenças entre seus defensores, o que dificul-

* Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo. Mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Professora titular das cadeiras de História Antiga I e II e História Medieval da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

ta enormemente a criação de um conceito-chave para nomenclaturá-la. Sobre o assunto, Peter Burke na obra *O que é história cultural* diz que:

> O que é história cultural? (...) a questão ainda espera uma resposta definitiva. (...). As fronteiras do tema certamente se ampliaram, mas está ficando cada vez mais difícil dizer exatamente o que elas encerram.
>
> Uma solução para o problema da definição de história cultural poderia ser deslocar a atenção dos objetos para os métodos de estudo. Aqui também, no entanto, o que encontramos é variedade e controvérsia. (BURKE, 2005, p. 9).

Entretanto, em meio a esse campo de vasta turbulência, uma das formas de história cultural melhor articulada é a que ordena a construção da história da leitura, definida de forma contrastante à história da escrita e tendo como precedente a história do livro. Essas práticas de estudo procuram enfatizar e compreender entre outros fenômenos: o papel do leitor, as mudanças nas práticas de leitura e nos usos culturais que se originam do texto escrito. Durante certo tempo elas correram de forma paralela à crítica literária, mas depois dos trabalhos de Roger Chartier, houve em entrelaçamento de ambas as formas de estudo[1].

Outros focos de preocupação dos historiadores da leitura e do livro são as reações dos leitores aos textos, as quais podem ser estudadas partindo das anotações desses leitores à margem de seus livros ou então dos grifos que eles fazem na medida em que vão lendo. Existem também trabalhos sobre os gostos literários: esses podem levar em conta o grupo social que lê (mulheres, por exemplo) e serem enquadrados em outras categorias de história (gênero nesse caso).

Este texto busca analisar um contexto que é muito específico no que se refere ao espaço da história da cultura ocidental: ele procura abordar a literatura medieval como objeto, especialmente os anos que tangenciam os séculos XI ao XIII. Quando os estudiosos se debruçam sobre os alfarrábios do tempo e tentam perscrutar o mistério da cultura contido nas entrelinhas desses séculos, se encontram diante de um desafio.

Isso porque não é possível para esse momento encontrar uma identidade cultural capaz de situar o indivíduo no tempo e no espaço: o universo que se abre mostra a sua gama de caleidoscópio onde cada um parece se mover entre diferentes códigos de expressão, os quais se insistem em analisar de forma separada. O ingresso nesse universo se faz somente median-

[1] Sobre o assunto ver: BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

te um pesado encargo, como expressa Segismundo Spina, na obra *A cultura literária medieval*:

> O ingresso na cultura medieval, em especial a literária, não se faz sem pagarmos um pesado tributo; a compreensão dos valores dessa época exige do estudioso uma perspectiva ecumênica, pois as grandes criações do espírito medieval – na arte, na literatura, na filosofia – são frutos de uma coletividade que ultrapassa fronteiras nacionais. (SPINA, 1997, p. 12).

Na verdade, seria mesmo pertinente perguntar se existia na idade média uma literatura – ou quem sabe literaturas. O fato é que o medievo desconhece inclusive o termo, pelo menos no que se refere ao conceito atual do mesmo. Segundo Michel Zink no texto *Literatura (s)*: "em latim, *litteratura* tem o mesmo sentido que *grammatica* e designa, como esta palavra, ou a gramática propriamente dita ou a leitura comentada dos autores e o conhecimento que proporciona, mas não as obras em si." (ZINK, 2006, p. 79)[2].

Mais que em qualquer outro momento da história da literatura, o período em questão mimetizou as questões da arte com elementos de cunho social, ou dito de outra forma: ser um "letrado" na idade média (*litteratus*) significava possuir a aptidão para ler, para escrever, e principalmente, significava possuir um determinado *status* social, que opunha o indivíduo dotado desses elementos ao povo "iletrado" (*illiteratus*), a gente simples.

Mesmo nas línguas vulgares não existe um registro determinado para a atividade ou para as obras literárias: esses dialetos dispõem apenas de palavras específicas para designar cada gênero em particular, sendo este último definido de forma peculiar devido a questões de estética do texto ou de um tipo de interpretação. Para que se entenda melhor essa questão, basta aferir a Michel Zink, em texto supracitado, quando ele diz que: "em francês, a palavra 'poeta' só aparece no fim do século XIII, (...): ela designa os autores antigos" (ZINK, 2006, p. 79). Dessa forma, o historiador que se debruça sobre o mundo medieval tentando perscrutar sua história da literatura enfrenta um dilema: o termo tal como utilizado hoje pode ser empregado, mas ele representa um paradoxo, pois é a um só tempo inadequado, porém insubstituível.

---

[2] ZINK, Michel. Literatura(s). In: In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru-SP: Edusc, 2006. Ademais, vale salientar que a noção de "literatura" é algo historicamente demarcado, com um espaço muito limitado no tempo: ela normalmente se refere à civilização européia, ocidental, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje. Sobre o assunto ver: ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura.*. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Isso porque no mundo contemporâneo a literatura opõe-se a outras disciplinas como a história ou a filosofia, para não falar das ciências matemáticas ou da natureza. Nesse contexto ela somente pode supor aquilo que é fictício, ou então, ela supõe uma escritura sem os rigores do academicismo científico, portanto sem "compromisso". Tal jogo de oposição não se aplica ao medievo onde a "arte da expressão e da escrita aplica-se igualmente a todos os conteúdos" (ZINK, 2006, p. 80).

Os textos de cunho didático, ou os textos que se auferiam científicos não tinham de, necessariamente, ficar encerrados em níveis diferenciados, nem excluídos do mundo das Letras. Todos eles faziam parte de um contexto maior, ordenado pelo ensejo da escritura, da construção da memória... talvez para evitar um medo tão conhecido dos homens de todos os tempos: o medo de ser esquecido.

Roger Chartier, no texto *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*, ressalta que as sociedades européias tinham um grande medo que lhes obcecava, qual seja, o medo do esquecimento. Por isso elas passaram a fixar por meio da escrita os traços essenciais do seu passado, a lembrança de seus mortos ou a glória dos vivos; mas, principalmente, passaram a registrar todos os textos que não deveriam desaparecer (CHARTIER, 2007, p. 9).

Assim, desde os tempos do medievo, a escrita teve um papel importante na sociedade: ela era responsável por evitar a fatalidade da perda e do esquecimento. Mas nem tudo o que foi escrito se eternizou: alguns textos foram traçados em suportes que permitiam "escrever, apagar e depois escrever de novo" (CHARTIER, 2007, p. 10). Diante desse fenômeno como preconizar aquilo que é essencial em termos do que a idade média construiu no que tange ao que se chama de cultura literária?

Não há como estabelecer um desempenho ideal para tudo que esse tempo articulou nesse sentido: assim sendo, se vaga em meio a hipóteses sem que se possa decidir evidentemente por uma delas. Atrás de cada texto, se procura a identidade do autor, ou de vários autores, os quais se gostariam de colocar em níveis precisos. Aqui se fala sobre a construção da chamada idéia de autoridade, conforme aufere Jean Batany:

> (...) a autoridade de uma 'fonte' escrita conservada ou perdida, a autoridade moral de um grande personagem ou de um narrador, os desígnios de escrita de um clérigo lutando com sua folha branca, as intenções de duplo registro de um recitante às voltas com os ouvintes... mas nunca sabemos quantos, nem quais, desses níveis afloram verdadeiramente no texto. (BATANY, 2006, p. 383)[3].

[3] BATANY, Jean. Escrito/oral. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru-SP: Edusc, 2006.

Quanto mais as pesquisas voltadas para desvendar o mistério da cultura no ocidente medieval avançam, mais elas se fecham sobre os caminhos que pareciam tão claramente traçados. Entretanto, mesmo diante de tantas dificuldades, alguns elementos importantes devem ser considerados no que diz respeito ao fenômeno ora estudado, a saber, a cultura literária medieval.

Antes de tudo, cabe ressaltar que o universo onde a literatura medieval se desenvolve é confuso: fatores de diversas ordens interagem nesse mundo de maneira que se torna inviável uma tentativa sumária e nítida da formação, elaboração e difusão da matéria literária nesse período da história.

A estrutura social do medievo sofre a influência da igreja, o mundo político assiste a invasão dos bárbaros e a formação do Império Carolíngio, para depois se fragmentar em miríades de feudos onde cada senhor é rei. Fenômenos como as Cruzadas e a conseqüente interlocução com as culturas orientais (bizantina e asiática) trouxeram substratos diferenciados que influenciaram o ocidente.

As heresias tornavam o mundo medieval um cenário de disputas teológicas e palco de heterodoxias religiosas, o qual ainda contava com resíduos culturais oriundos da Antiguidade Clássica, atenuada e descaracterizada pela Igreja conforme preconiza Segismundo Spina (SPINA, 1997, 16). Nesse mundo tão complexo, os falares românicos vão tentar superar o latim como instrumento de comunicação oral e escrita. Nesse contexto tão rico e tão diverso, não há como explicitar o que é estilo literário: o conceito não se aplica com clareza.

Há que se referendar também, a questão que norteia um dos elementos formadores da literatura, no caso, a língua. As regularidades que aparecem nas ocorrências da 'fala' só podem se tornar normas de uma 'língua' se apoiadas em subplanos de uma identidade cultural com contornos mais ou menos precisos. Nesse sentido, Teófilo Braga, em sua obra *História da literatura portuguesa I – Idade Média*, referenda:

> Para que uma literatura se forme é necessário que uma raça fixe os seus caracteres antropológicos pela prolongada hereditariedade, que funde a agregação ou consenso moral de Nacionalidade, tendo o estímulo de resistência na sua Tradição e na unidade da Língua disciplinada pela escrita, universalizando a relação psicológica das emoções populares com as manifestações concebidas pelos gênios artísticos. (BRAGA, s/d, p. 11).[4]

Sabe-se que a gramática ensinada no tempo de Santo Agostinho estava mais ou menos fundamentada nos usos de uma fala cotidiana, mas

[4] Os grifos em letras maiúsculas acompanham o original.

indubitavelmente não era compatível com ela. Esse falar cotidiano se estendia de um lado ao outro do Antigo Império Romano e se manteve presente mesmo com os abalos que culminaram com a queda do já referido Império [5].

Aqui cabe referendo a especulações muito simples: quando se deixou de falar latim? Quando o latim deixou de ser compreendido? Mais importante ainda: que latim se falava? Sim, porque os documentos que referem ao latim dos séculos VI e VII já demonstram que ele passava por um processo de adaptação.

Segundo Jean Batany, em texto supracitado o que existiam então eram dois estilos diferentes: um literário, utilizado nos livros e pelos membros do clero; e o outro, um estilo rústico, ao qual se recorria para se fazer entender pelos leigos, talvez inicialmente mais por necessidade prática que por qualquer outro tipo de cuidado ou pretensão (BATANY, 2006, p. 84).

Acentuando essa diferença estilística, o latim considerado literário tornava-se paulatinamente ininteligível aos leigos, ainda mais diante dos esforços envidados pela Reforma Carolíngia, que buscou devolver ao latim a sua pureza original, afastando-o ainda mais da língua falada[6].

Entretanto, a necessidade de fazer o discurso penetrar até o fundo de um grupo social que se queria integralmente cristão modificou a ordenação das práticas lingüísticas: o Concílio de Tours, no ano de 813, ordenou aos bispos que não pregassem somente em latim, mas que traduzissem seus sermões de forma que os mesmos se tornassem compreensíveis aos 'rústicos'.

Isso não quer dizer que os chamados dialetos locais fossem, a partir daqui, elevados a uma categoria privilegiada: ainda não se havia constituído um texto modelar (uma gramática) que elevasse esses falares cotidianos além do nível simples da 'fala' propriamente dita: eles continuavam sendo definidos por seu caráter não cultural.

Pode-se dizer que a sociedade medieval culmina em uma pluralidade de identidades culturais fundamentadas geograficamente, porém percebe-

[5] Sobre a queda do Império Romano ver: ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994; FRANCO Jr., Hilário. *A Idade Média*: o nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1992; LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.

[6] Dá-se o nome de Reforma Carolíngia ao processo ordenado durante o reinado de Carlos Magno no período que corresponde a chamada Alta Idade Média, de acordo com a divisão cronológica estabelecida por Hilário Franco Júnior (VIII-X). Nesse momento da história medieval, o imperador carolíngio buscou fortalecer as questões relativas à difusão da cultura cristã alicerçando as bases daquilo que seria o cerne da cultura medieval. Sobre o assunto ver: FRANCO Jr., Hilário. *A Idade Média*: o nascimento do ocidente.São Paulo: Brasiliense, 1992.

se que existe uma hierarquização, um reagrupamento dessas mesmas identidades e uma oposição que acontecem a partir do século XI: é a disputa entre a questão dos 'franceses' e dos 'provençais'.

No século XII, a Provença vai afirmar a sua identidade lingüística em textos líricos cantados até na Itália: embora esse fundo lingüístico tenha mais correlação com o Limousin que com a Provença, o essencial é que existe uma língua, uma cultura, e um canto que a propaga[7].

Segundo Jean Batany, essa questão lingüística teve vários desdobramentos, inclusive políticos, como se aufere na citação abaixo transcrita:

> Ao norte, a base política da língua é mais visível: desde o século IX, começa 'a transferência das funções pastorais às funções régias na comunhão das línguas vulgares' (...). A língua comum, chamada 'língua do pai' (...) até o século XI, torna-se a 'língua da mãe' (...) no XII, para melhor se opor ao latim, língua do Pai celeste. Mas, na verdade, ela já começa a ser, insidiosamente, a língua do rei, que substituirá no século XIV um Deus tornado muito distante como 'Pai'. (BATANY, 2006, p. 386).

Nesse contexto percebe-se que havia uma reivindicação incipiente do 'falar' e que essa reivindicação era transposta para as obras que eram produzidas. Esse processo é muito lento, mas marca o fenômeno de transposição do latim para o nível dos dialetos regionais, os quais tenderam a passar a categoria de língua, pois eram identificáveis e constituíam o indício da formação de uma identidade cultural regional.

Algumas transformações merecem ser apontadas como preponderantes diante desse quadro: esses falares regionais, não necessariamente são um lugar simbólico da liberdade criadora em oposição a sistemas lingüísticos já normatizados. Eles também têm suas regras e seus silogismos.

No caso do latim, ele se viu forçado a enfrentar transformações lexicais e sintáticas, sendo nesse processo favorecido por muitos elementos como o avanço considerável das ciências e das técnicas nos séculos XIII-XIV. Ele só vai se tornar uma língua rígida quando os renascentistas tentarem devolver a sua raiz ao purismo primitivo que nem eles conheciam.

---

[7] Limousin é uma província que fica no centro da França. Já a Provença é uma região que fica próxima a costa do Mediterrâneo: na verdade a questão relativa ao processo lingüístico que ordena essa 'rixa' é aquilo que passará para a história da literatura universal como a contingência da *langue d´oc* e da *langue d´oil*. A primeira, falada ao sul, é conhecida como occitânica, e seu nome vem da palavra *òc*, que significa sim. Ela faz o contraste com a segunda, nortista, cuja deriva *oil*, vem do latim *hoc ille*, tendo o mesmo significado. É importante referendar esse processo porque a literatura da Europa continental, principalmente da região mediterrânica será fortemente influenciada pelo modelo constituído por pela literatura em língua *d´oc i* e em língua *d´oil*.

Na Renascença o contexto da expressão lingüística verá impor-se uma máscara de cultura que teria sido importada diretamente do mundo antigo. Segundo Jean Batany, esse disfarce é mais eficaz do que a fisionomia real que ele encobre: o fato de que as culturas medievais não sabiam efetivamente se fazer representar (BATANY, 2006, p. 387).

A grande questão a ser ressaltada é que o estabelecimento do texto escrito e a onda de sons percebidos como fala não coincidem, em seu confronto, nem com a criação da gramática nem com a retórica. Até porque os primeiros estão em um *loco* onde a expressão máxima é constituída pela liberdade de criação. Já os segundos preconizam a utilização de normas e regras. Entretanto, a problemática que envolve 'oral' e 'escrito' ainda mais que a que envolve 'língua' e 'fala' suscita discussões entre os pesquisadores.

Onde está a 'fala' atrás do texto escrito? Essa pergunta pesou profundamente na redescoberta da literatura medieval e por muito tempo impôs um norte especial aos textos do medievo, questionando sobre suas origens e seu caráter: seriam eles textos de caráter popular ou erudito? De onde teriam advindo?

Esse fenômeno quase impediu o estudo dos textos por eles mesmos, em um movimento que negou as raízes orais dessa literatura (impossíveis de provar) e opôs-lhe uma escrita de cunho erudito, a qual teria tido por fontes modelares os textos latinos. Esse excesso de ordenação em direção ao escrito levou, a partir de 1950, a construção de uma posição oposta que retornava a crença nas tradições orais, fundadoras da literatura medieval.

Na opinião de Jean Batany, esse debate mal conduzido, acabou sendo mais bem expresso quando:

> (...) começamos a formular melhor: a obsessão pelas 'origens' encobria o problema da 'performance' (ato de expressão pelo qual o público recebe o texto), e os paralelos entre 'oral' e 'popular', 'escrito' e 'erudito' mergulhavam a pesquisa em um nevoeiro de preconceitos ideológicos. Começa a se ver melhor que toda a modalidade de fala tende, na essência, a objetivar-se em uma inscrição 'gráfica', em sentido lato, mas sem perder sua natureza vocal (...) (BATANY, 2006, p. 388-389).[8]

[8] Os grifos acompanham o original. Há que se salientar que a performance tende ao canto. Ela também se presta ao teatro por várias razões: o gestual, a possibilidade de recitação ou de leitura dialogada. A técnica de quem recita também pode ser performática: mudar o tom de voz, por exemplo, ou praticar uma imitação. Os atos de quem realiza uma performance objetivam aproximá-lo de seu público ou fazer com que o público preste atenção à sua ação.

Essa perspectiva de ordenação deu um novo sentido ao fenômeno do estudo da literatura do medievo: isso porque, percebeu-se que nesse mundo onde o texto literário era feito para ser ouvido e não lido, as regras de aplicação que o recitador (fosse ele alfabetizado ou não) aplicava, procuravam fazer o enunciado para uma espécie de leitura. Michel Zink segue a mesma linha de raciocínio, pois preconiza que a obra medieval pelo menos até o século XIV, só tem existência plena quando sustentada pela voz de um artista, quando atualizada pelo canto, recitação ou leitura em voz alta (ZINK, 2006, p. 80).

Paul Zumthor, na obra *Performance, recepção e leitura* agrega a essa discussão mais um elemento. Segundo ele, foi justamente a propósito da Idade Média que se colocou para o pesquisador Paul Zumthor, a questão da vocalidade. Os medievalistas das décadas de 1960 e 1970 gostavam de polemizar a respeito da medida em que as tradições orais teriam influenciado a poesia medieval. Sobre o assunto, refere Zumthor que:

> Era um ponto válido de informação, mas que em nada alcançava o essencial, isto é, o efeito exercido pela oralidade sobre o próprio sentido e o alcance social dos textos que nos são transmitidos pelos manuscritos. Era preciso então se concentrar na natureza, no sentido próprio e nos efeitos da voz humana, independentemente dos condicionamentos culturais particulares... para voltar em seguida a eles e re-historicizar, re-espacializar, se assim posso dizer, as modalidades diversas de sua manifestação. (ZUMTHOR, 2007, p. 12).

O cuidado que os recitadores tinham em dizer a história da forma mais verdadeira, pressupunha a necessidade de estabelecer uma realidade fixa e eterna, que corresponderia à imortalidade do texto, mesmo se este último se modificasse cada vez que fosse narrado: no universo do medievo, o escriba apenas administra essa tendência, pois nesse mundo onde é tão difícil escrever, a escrita é um caso limite. Sobre o assunto informa Segismundo Spina que:

> As dificuldades materiais da produção literária (os processos técnicos da escritura muito complicados, a raridade do pergaminho, etc.) tornaram impraticável a formação de movimentos literários, o que explica o fato de ser a literatura da época eminentemente oral. (SPINA, 1997, p. 16).

Até os alvores do século XII, a literaturas em língua vernácula que estavam nascendo, conheciam apenas os gêneros cantados tais como a canção de gesta e a poesia lírica. Sobre o assunto Michel Zink revela que:

> A primeira conserva artificialmente as marcas da oralidade, mesmo quando é escrita (sem o quê, o que saberíamos dela?): a encenação do recitante, interpelação do público, efeitos de eco e repetições ligados à composição estrófica. A segunda, que exige do poeta que seja também compositor, às vezes denuncia seu modo oral de transmissão, ao nomear o menestrel a cuja memória confiou a canção ou desejar que ela encontre um cantor digno de si. (ZINK, 2006, p. 81).

Com certeza o escriba não deixou de escrever na Idade Média, e bem mais do que a idéia de que esse período foi a 'idade das trevas' permite perceber: mas é justamente porque faltam documentos que é impossível dar aos textos escritos que foram salvos uma importância maior do que eles realmente têm e auferir que eles são a origem dessa literatura.

E ademais, em uma sociedade onde a maioria das pessoas era analfabeta, os textos escritos continuariam representando uma parcela ínfima em quantidade numérica, se comparados aos textos falados. Mesmo os romances (de cavalaria), primeiro gênero medieval a ser destinado à leitura, eram lidos em voz alta. A ação dos menestréis deixava um largo espaço à mímica e à interpretação dramatizada[9].

Daí essa grande importância da voz para o texto literário produzido no medievo: na verdade, a voz, com suas qualidades próprias, seu timbre, faz parte integrante desse universo literário. Na idade média, não basta ser um bom músico, a voz tem que acompanhar o trovador que canta a sua balada, criando um mimetismo que junta o texto, a música e a fala.

O homem contemporâneo, tão acostumado à autoridade do escrito, não penetra facilmente nesse universo de sonoridade, o qual costuma se fechar quando confrontado com proposições que dizem respeito às normatizações atuais sobre a literatura. Pois agora, o escrito tem uma autoridade especial: a oposição entre letrado/iletrado é decisiva. Essa herança foi legada pelos senhores da Renascença.

A partir daí, os textos antigos passaram a ser os únicos modelos autorizados: tudo se consolidava no mundo escrito. Todos os autores pretendem extrair sua matéria de fontes escritas, de preferência de um livro, melhor ainda se ele for latino. O final da idade média concede outro espaço ao texto tão diligentemente conservado, copiado e reutilizado pelos monges: esse espaço também se abre ao livro enquanto objeto.

Mas mesmo com esses esforços, essa cultura nunca esteve totalmente

[9] Sem dúvida que esse ato abre margem de importância para as questões referentes ao desenvolvimento do teatro, por exemplo.

encerrada nas bibliotecas, sobretudo entre os séculos XIII e XIV. Nesse período, a atividade universitária não comportava exames escritos estando norteada inteiramente em cursos e exercícios orais, os quais se baseavam em testemunhos e dossiês[10]. O mundo da literatura medieval continua sendo mais falado que escrito: nas escolas o professor lia e o aluno ouvia. Nas igrejas, os sermões conservados em latim eram copiados e guardados, mas não sem antes terem sido pronunciados. E a contradição permanece, demonstrando a preeminência do oral e do escrito.

Outro aspecto ainda fomenta o caráter ambíguo das literaturas medievais: elas são herdeiras da cultura clássica, greco-latina, a qual toma por parâmetro. Entretanto, não raras vezes, promovem uma ruptura com essa herança produzindo elementos de uma originalidade sem precedentes. Esse fenômeno ocorre pela influência cultural que chega ao ocidente mediterrânico oriundas do mundo germânico, do mundo que se situava ao norte do antigo império romano ocidental[11]. Sobre o assunto, afirma Michel Zink que:

> As línguas célticas e germânicas, que existiam independentemente do latim, tiveram manifestações literárias precoces (século VII-VIII), cujo vestígio escrito está subordinado à implantação da cultura latina nas regiões onde elas são faladas. (ZINK, 2006, p. 83).

A idade média será o momento da história em que as línguas vernáculas emergem e se cristalizam, interpondo-se aos textos latinos e tornando o mundo uma imensa torre de Babel. Curioso é que essa interposição acontece em primeiro lugar como uma concorrência a esse latim e depois como uma espécie de decorrência dele.

Portanto, é possível dizer que entre as tantas tensões que ordenam o mundo medieval[12] existe a que referenda o domínio cultural, a um só tempo bem marcado e fragmentado, coerente e diverso: pode-se dizer que esse domínio é o do espaço do latim enquanto língua erudita (latim do Império Romano e da igreja), mas que mantém uma série de relações diversas com várias línguas vernáculas: esse movimento repercutirá sobre a expressão literária nessas línguas e sobre o desenvolvimento da mesma. Na

[10] Sobre o assunto ver: LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: José Olympio, 2003.

[11] A referência aqui se faz em relação à tradição cultural do norte da Europa, como a celta, por exemplo. As raízes culturais oriundas da Escócia, Inglaterra, País de Gales, Irlanda, Noruega, Finlândia, Dinamarca, entre outros países, são estranhas a latinidade e conduzem a criação de um estrato literário novo e diferenciado no mote até então conhecido.

[12] Sobre o assunto ver: LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.

realidade, nesse espaço cultural em constante movimento, as influências se dão de forma sincrônica quando se trata de uma língua vernácula em direção a outra e não mais segundo um modelo diacrônico de uma filiação partindo do latim e do modelo universalista e antigo que ele representa.

A latinidade sofre alguns severos arranhões, mas permanece viva e monopolizando o essencial da atividade cultural e intelectual. Sobre esse assunto, Michel Zink diz que:

> O ensino nas escolas e universidades, a maior parte ou a quase totalidade do que se escreve no âmbito da teologia, da filosofia, das artes liberais, das artes técnicas, da medicina, do direito e, durante muito tempo, da história: tudo está em latim. O que é verdade no campo da ciência, também o é, embora as circunstâncias e as proporções sejam diferentes, no campo literário. A história das literaturas medievais é a história combinada da literatura latina e das literaturas em línguas vulgares. (ZINK, 2006, p. 82).

Os povos germânicos que adentraram o império romano foram convertidos ao cristianismo, e de certa forma, eram admiradores e imitadores do império que estava em seus estertores finais quando de seu ingresso nessas fronteiras[13]. Por isso, quase não ameaçavam a latinidade. Entretanto, a igreja, única detentora de um arcabouço administrativo que permitiu a esse mundo fragmentado pensar em possibilidades de rearticulação no sentido universalista, passou a ser também a dona das chaves do saber.

Nesse processo, ela podia apagar a memória desses textos latinos, os quais, os próprios doutores da igreja, como Santo Agostinho e São Jerônimo, tinham justificado como sendo de excelência para o estudo. Entre os séculos VI e VII, houve a tentativa de obliteração desses clássicos. Mas o Renascimento Carolíngio salvaguardará essas obras do esquecimento.

Depois do século VIII, inúmeras cópias de Ovídio, Homero, Virgílio, entre outros, serão feitas nos mosteiros patrocinados por Carlos Magno. A ação dos copistas será uma importante atividade na idade média. Manter viva a literatura clássica de origem greco-latina: eis o primeiro estofo da cultura literária do medievo. E há que se salientar, essa sobrevivência não era somente um trabalho de conservação.

Segundo Segismundo Spina, esse período é dominado, "(...) por uma literatura de tipo monástico, que, até certo ponto, pode ser reduzida a narrativas hagiográficas e a poemas litúrgicos, cuja forma fundamental é

[13] Sobre o assunto ver: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média*: nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1999.

representada pelos hinos (SPINA, 1997, p. 16)"[14]. Essa produção escrita era um privilégio dos mosteiros, centros irradiadores do conhecimento nesse período.

Na opinião de Michel Zink, essa literatura reflete todo o contexto do qual ela se origina: o mundo latino que de certa forma lhe ordena e o mundo estranho a essa mesma latinidade, de onde nascem novas condições inerentes à emergência das línguas vulgares e da cultura que lhes é própria (ZINK, 2006, p. 82). Latina ou vernácula, essa literatura nascente toma por modelo os clássicos da retórica antiga.

Assim sendo, fazer reviver um texto medieval faz obrigatoriamente o estudioso se colocar em um contexto onde o texto era mais ouvido que lido, onde esse texto podia ser narrado ou recriado meio que de improviso e ao mesmo tempo, apreciado e registrado ou na memória ou no papel. O dever e o prazer de escutar estavam na base do prazer de escrever: quase sempre a obra era ditada, às vezes após ter sido rascunhada sobre tabuinhas de cera, as quais logo eram apagadas, constituindo-se em simples auxiliares da memória.

Sobre o assunto diz Roger Chartier na obra *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura* que:

> A memória é descrita com freqüência como uma coleção de tabuletas (...) e isso até em Hamlet, que deve apagar das *tables of* [his] *memory* todos os arquivos inúteis para conservar somente as palavras do fantasma: *Remember me* – e, reciprocamente, as tabuletas são o suporte privilegiado, mas nem sempre necessário, da invenção e da composição poéticas, que convocam os materiais para as idéias e os fragmentos de textos classificados na memória.
> A memória desempenha um papel essencial na transmissão dos poemas. O poeta é um 'cantor' cuja voz e suspiros habitam os cânticos. A maneira comum e previsível de sua 'publicação' é, então, uma recitação ou uma declamação, apoiada na memorização do texto. (CHARTIER, 2007, p. 33)[15].

Em um mundo como o contemporâneo, o canto é visto e entendido como uma espécie de 'deformação' da fala. Porém, no mundo medieval ele era a plena realização da fala, efetuando as mais ricas possibilidades

[14] Hagiografia é um tipo de texto tradicional da idade média, o qual narra à vida dos santos. A mais conhecida hagiografia do período medieval, sem dúvida alguma é a *Legenda Áurea*, de autoria do dominicano Jacopo de Varazze e traduzida no Brasil por Hilário Franco Júnior.

[15] Os grifos acompanham o original.

tanto de expressão fônica quanto de linguagem propriamente ditas. Essa sensibilidade do medievo em relação ao canto demonstra que havia a possibilidade de uma maior riqueza de interpretação e de reação afetiva frente ao texto literário. Sobre o assunto, referenda Jean Batany:

> Se os romancistas franceses do século XIII divertem-se introduzindo na narrativa canções que não fazem a ação avançar, não é apenas para apresentar algum amigo jogral, e sim para que o público, leitores ou ouvintes, alegre-se no momento em que o romance, passando para um registro claramente musical, atinge a plenitude fônica e ideológica à qual as obras líricas, em sua performance solitária, alcançavam talvez muito rápido para serem eficazes, mas que funciona plenamente quando a canção foi preparada por uma narrativa. (BATANY, 2006, p. 392).

Esses procedimentos foram desaparecendo à medida que se multiplicaram os textos em prosa, a partir do século XIII. Mas isso não quer dizer que a prosa medieval franqueasse a oposição entre escrito e oral, na verdade essa prosa era feita para ser enunciada de maneira retórica. Ou dito de outra forma: "longe de contradizer a vocalização, a transcrição gráfica auxiliava-a de diversas maneiras" (BATANY, 2006, p. 392).

A partir do momento em que se toma consciência dessa vocalidade da literatura medieval, se pode voltar aos problemas das tradições e das origens que ordenaram essa esfera cultural do medievo, considerando-se um elemento que, na verdade se enquadra dentro do aspecto da circularidade cultural que Carlo Ginzburg referenda em *O queijo e os vermes*[16]: a difusão social dos textos eruditos em direção à cultura popular (oral) e a extensão dos hábitos de oralidade em direção à cultura erudita (escrita).

Pode-se dizer, nesse contexto e parafraseando Paul Zumthor que o oral torna-se escrito, e o escrito quer tornar-se uma imagem do oral: mas de qualquer forma se mantém a autoridade da voz nesse contexto (ZUMTHOR, 1993). Uma autoridade que referenda, no medievo uma garantia, um registro. No sentido contemporâneo, uma autoridade que impõe ao ouvinte uma série de exigências justificadas pela presença de um contato pessoal, enquanto que a escrita coloca as suas ordenações de forma absoluta e despersonalizada. Por isso, ao invés de tentar classificar os textos da idade média em duas categorias, quais sejam, falada e escrita, é preciso compreender essa nuance de duplicidade para entender o que eles querem dizer.

[16] Sobre o assunto ver: GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BATANY, Jean. Escrito/oral. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru-SP: Edusc, 2006.

BRAGA, Teófilo. *História da literatura portuguesa I* – Idade Média. Europa-América: Mem-Martins, s/d.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar*– cultura, escrita e literatura. São Paulo: UNESP, 2007.

FRANCO Jr., Hilário. *A Idade Média*: o nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1992.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: José Olympio, 2003.

SPINA, Segismundo. *A cultura literária medieval*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

ZINK, Michel. Literatura(s). In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.